

## REPORTAGEM ESPECIAL

## Professor se divide em quatro

Há escolas em que profissionais dão aulas para até 4 turmas de séries diferentes na mesma sala

ALINE NUNES  
ELIANA TEIXEIRA

Enquanto o País discute a reforma universitária, a educação básica no Estado é construída em uma metodologia questionada por especialistas em relação a sua eficácia: professores estão se desdobrando para, sozinhos, dar aulas para até quatro séries ao mesmo tempo, juntas em uma turma.

A situação é mais comum do que se possa supor. Em todo o Estado, existem cerca de 600 colégios em zona rural que adotam esse sistema. Na Grande Vitória, há 21 escolas com a característica pluridocente (um professor para duas séries) ou multi-sérial (um educador para quatro séries).

A escola Pluridocente de Terra Vermelha, Vila Velha, é um exemplo dessa realidade que, embora seja reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) como legal, tem contribuído para a evasão escolar.

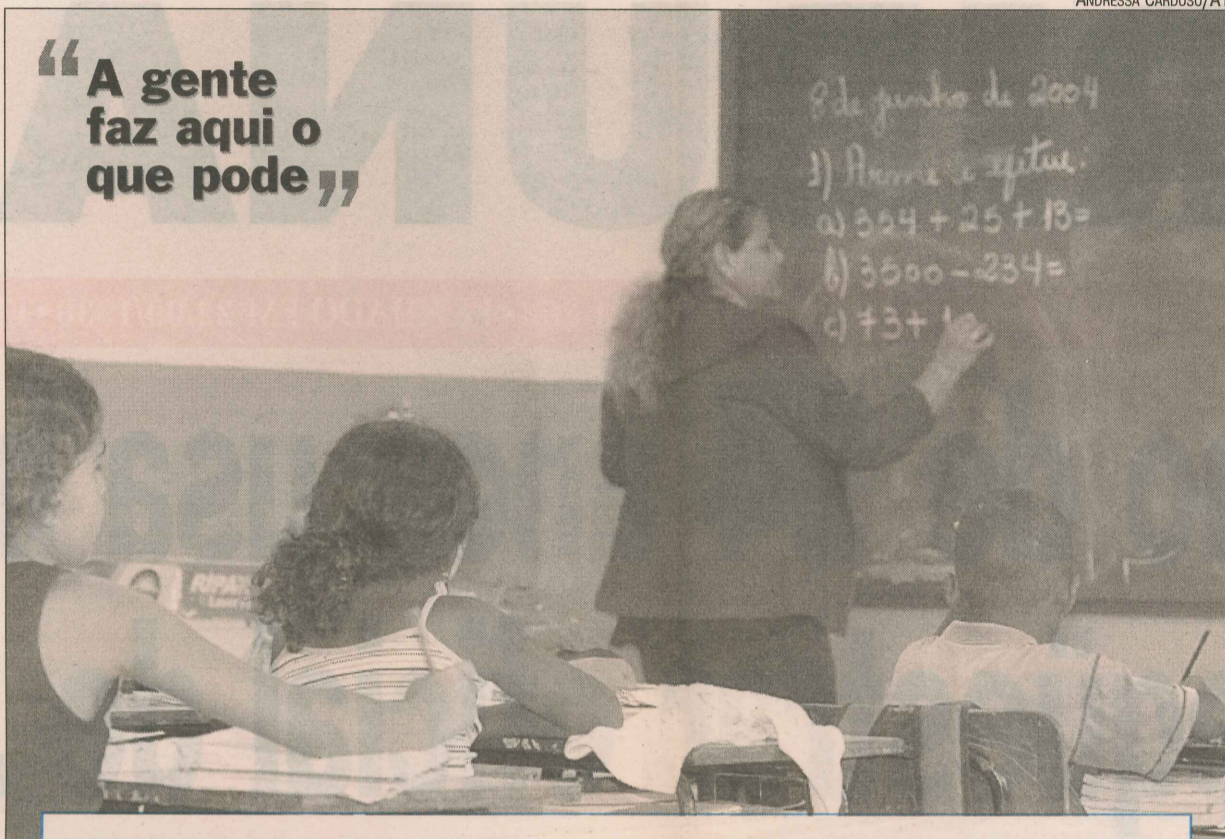
Uma das professoras da instituição, Fernanda Bermudes, disse que todo início de ano há muitos alunos matriculados mas, ao longo do período, grande parte desiste, desestimulada pela forma como o conteúdo é repassado.

"Eu divido o quadro no meio para passar as matérias. A outra professora acha melhor usar um quadro de cada lado: metade fica virada para a frente, metade de costas para ela. Em qualquer uma das situações, a criança acaba se distraindo e o rendimento cai. Por isso, muitas desistem", avaliou Fernanda, que dá aulas dessa maneira há cinco anos.

Na avaliação da pedagoga Maje Borgo, não é possível aprender em uma sala de aula dividida por duas turmas ou mais. "Em vez de colaborar para o raciocínio lógico do aluno, esse modelo o deixa desconcentrado. E o professor vive tenso, tendo que se desdobrar", ressaltou.

Para o jardineiro Joaquim de Aquino, 34 anos, pai de uma criança da 2ª série da escola, as turmas poderiam ser divididas entre os períodos da manhã e da tarde, já que atualmente as aulas são dadas somente no vespertino. "Isso ajudaria mais os nossos filhos a aprender".

No colégio, a situação é pior considerando os problemas estruturais como, por exemplo, a falta de servente e merendeira, além de alguns materiais didáticos terem de ser comprados pelos próprios professores.



ANDRESSA CARDOSO/AT

"A gente faz aqui o que pode"

## Dificuldade para trabalhar

"Enquanto eu dou atividade para uma turma, a outra tem de esperar. Seja no quadro, seja no livro, os alunos sempre se dispersam. Não vou dizer que é impossível dar aulas, até porque estou aqui, mas é muito difícil e sei que a qualida-

de do ensino não é boa.

Devido a essa situação, a gente perde muito aluno. Os pais vêem que o trabalho não rende e muitos deles acabam tirando o filho da escola. Para dificultar ainda mais, não temos orien-

tação ou suporte pedagógico. A gente faz aqui o que pode".

**Fernanda Bermudes, professora da 3ª e 4ª séries de uma mesma turma, da escola Pluridocente de Terra Vermelha, em Vila Velha.**

## "Não consigo prestar atenção"

"Enquanto a professora passa o dever para a gente fazer, ela fica falando para os outros da 1ª série. Aí eu não consigo prestar atenção no que eu estou fazendo porque a gente ouve tudo.

Eu iria gostar mais de estudar se tivesse uma turma só para a minha série. Na minha casa, a minha mãe fica preocupada se eu estou aprendendo. Eu quero ser pintor e desenhista e tenho

de estudar bem".

**M., 8 anos, aluno da 2ª série da escola Pluridocente de Terra Vermelha, em Vila Velha.**

## Profissionais capacitados

A Secretaria de Estado da Educação (Sedu) assegurou que os professores da rede estão capacitados para dar aulas para várias séries ao mesmo tempo. Esse é um método que visa a atender regiões onde a demanda é pequena para a abertura de turmas regulares.

Assim o secretário José Eugênio Vieira justificou a situação da escola Pluridocente de Terra Vermelha, em Vila Velha, contando ainda que há cerca de 600 colégios no Estado vivendo a mesma realidade.

"São escolas na zona rural e queremos manter as crianças em sua comunidade. Então, como são poucos alunos nessas localidades, optamos por esse sistema", explicou.

Quanto à unidade de Terra Vermelha, José Eugênio disse que os problemas reclamados pela comunidade referiam-se à falta de energia e água, já resolvidos.

"Não tínhamos reclamação em relação às turmas pluridocentes. Mas agora vamos nos reunir com a comunidade para ver

se os pais querem que a Sedu ofereça um ônibus para transportar as crianças a uma escola municipal que tem vaga. Se for assim, vamos fechar esse colégio".

O secretário fez questão de ressaltar também os cursos de capacitação aos quais os professores estão sendo submetidos. As atividades são realizadas um dia por semana, nas próprias escolas, durante quatro horas.

Segundo José Eugênio, os professores se reúnem em grupos de trabalho para ler e discutir textos, orientados pela Sedu. A secretaria concede bolsa de R\$ 90 para compra de livros.

"Será necessário investir ainda mais em capacitação. Isso é apenas o começo. O programa está sendo realizado no Estado e em Minas Gerais", informou o secretário.



ANDRESSA CARDOSO/AT

José Eugênio foi averiguar denúncia

## Especialistas alertam para aprendizado

Embora haja o reconhecimento do Ministério da Educação (MEC) para a formação de turmas com crianças de séries diferentes, educadores discordam do método que, na avaliação deles, compromete o aprendizado, especialmente ao considerar a falta de estrutura para o ensino.

Para a pedagoga Maje Borgo, mestre em Educação, o problema é de planejamento. "Historicamente, a escola pública sofre com a contenção de gastos. Não existe eficiência no planejamento educacional. Pela Constituição, o Estado tem que criar escolas no local de residência do aluno, mesmo sendo zona rural, e investir na formação e capacitação de professores", afirmou.

O professor universitário Jair Ronchi Filho, mestre em Desenvolvimento Humano e Processos Educacionais, acredita que o maior problema é a precariedade em que se encontra o sistema educacional.

"O fato em si de crianças de idades diferentes estudarem juntas não comprometeria a aprendizagem se houvesse condições de trabalho para os professores, infra-estrutura nas escolas. O que é preciso hoje é de políticas públicas decentes para o professor trabalhar e oferecer melhor qualidade de ensino", argumentou.

Jair Filho ressaltou, ainda, que a aposta do sistema educacional está na reprodução de conhecimentos. Para ele, esse é um aspecto importante, porém o colégio deveria valorizar mais a face criativa e inventiva no processo de aprendizagem.

A diretora-executiva Rosalva Lima Coutinho, do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), considera que a divisão de uma turma com várias séries é extremamente prejudicial ao profissional e ao estudante.

"Além da falta de estrutura, o professor acaba sem tempo para fazer um diagnóstico das deficiências dos alunos para poder trabalhar individualmente com eles", frisou.

Para Rosalba, o mais preocupante é que essa metodologia tem reproduzido um problema ainda maior e antigo. Os estudantes passam de série sem que estejam aptos para que o índice de reprovação não seja alto e, quando se deparam com uma avaliação mais rigorosa, como o vestibular, não conseguem ser aprovados.

"Então, fazem o sistema de cotas para dar mais oportunidades. Precisam é olhar mais para a educação, reformular totalmente o que está aí, pois disso depende o futuro da sociedade".



# Atrasados no ensino médio

*Pesquisa revela que 52,9% dos estudantes do ensino médio da rede estadual estão fora da série adequada de acordo com a idade*

Mais da metade dos alunos do ensino médio da rede pública estadual não está na série correspondente à sua idade. Dados da Sinopse Estatística da Educação Básica 2003, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram que 52,9% dos estudantes estão atrasados. Passando para o ensino fundamental, o índice cai para 28,5%.

Segundo o Inep, no País a taxa nacional no ensino fundamental diminuiu de 39,1%, em 2001, para 33,9% em 2003. No ensino médio, também houve redução: de 53,3% para 49,3%, no mesmo período.

Em 2002, havia mais de 10 milhões de alunos nos ensinos fundamental e médio no País, com idade suficiente para já ter concluído o respectivo nível de ensino.

Entre as causas para a distorção estão a falta de escolas próximas, necessidade de trabalhar e dificuldade de aprender.

Segundo o secretário de Estado da Educação, José Eugênio Vieira, só de 2001 para 2002 cerca de 35 mil alunos deixaram a rede estadual. Este ano já houve crescimento de 6% no nú-

mero de matrículas.

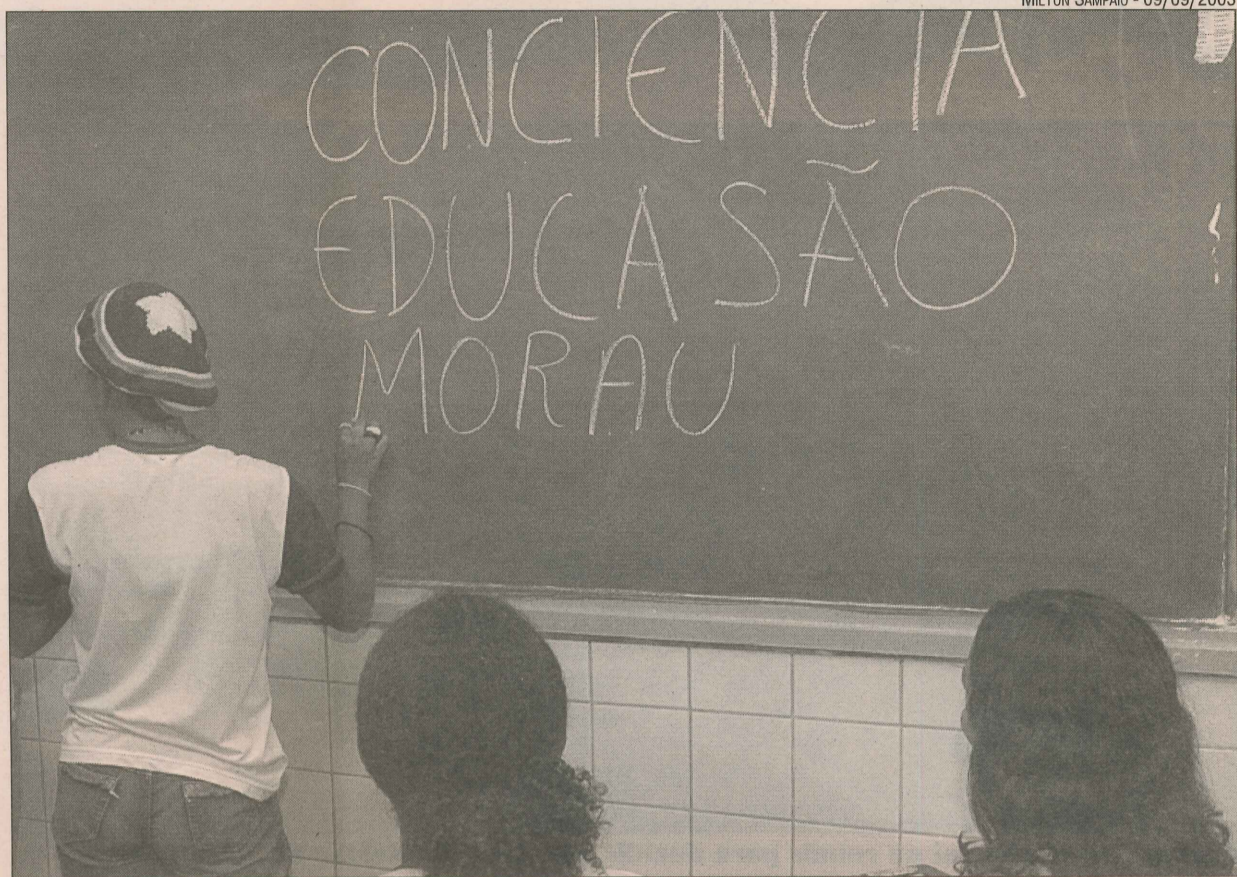
Na zona rural, onde se investiu em abertura de escolas e turmas de ensino médio, 7,4 mil alunos voltaram a estudar. Parte deles estava fora da sala de aula. A outra, em escolas na zona urbana.

"É comum essa movimentação dos alunos. Eles saem e voltam para a escola. Só na Arnulpho Mattos, do ano passado para este, de 32 a 38% dos alunos que deixaram o colégio retornaram", disse o diretor, Júlio César Alves dos Santos.

Na escola, segundo ele, a distorção é bastante presente nas turmas. Um exemplo é a aluna do 3º ano do ensino médio Deuza Lucindo dos Santos, 35 anos. Deuza deixou a escola quando estava na 8ª série, para trabalhar como auxiliar de Enfermagem.

Deuza passou por um problema comum aos alunos que retornam à escola após muitos anos fora da sala de aula: a dificuldade de aprender. "No início foi difícil", contou.

Os últimos dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica revelaram que a maior parte dos alunos chega ao ensino médio sem saber ler e fazer contas básicas, como somar e diminuir.



Nas turmas de ensino médio, muitos alunos têm dificuldade de escrever

## "Só consegui vaga na escola com 9 anos"

"A minha mãe queria me colocar para estudar em uma escola perto de casa e nunca conseguia vaga para mim. Eu entrei na escola só quando eu estava com nove anos, por isso me atrasei.

Eu gosto de estudar tudo. Gosto de ler, escrever e das aulas de Matemática, mas eu quero ser jogador de futebol. Meu pai disse que vai me colocar no time do Flamengo lá perto do Terminal do Ibes, mas ele sempre fala: 'para jogar, não é para brigar com ninguém na escola nem prestar atenção nos outros. Tem de estudar'. Eu quero muito aprender as coisas".

**J., 11 anos, estudante da 2ª série da Escola Pluridocente de Terra Vermelha, em Vila Velha.**

## Desistência é maior à noite

Mais de 60% dos alunos do ensino médio que abandonam a escola estudam à noite. A estatística refere-se a estudantes da rede pública do Estado. Dos 35.155 que deixaram a sala de aula em 2002, 21.575 estudavam no período noturno, em escolas estaduais.

A necessidade de trabalhar aparece como o motivo principal para a evasão. O diretor da Escola Estadual Arnulpho Mattos, Júlio César Alves dos Santos, disse que, para cada 100 alunos que iniciam a 1ª série do ensino fundamental, apenas 12 concluem o ensino médio.

Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Mas o ensino médio não é o único gargalo da Educação. Para cada 100 que entram no ensino fundamental, só 54 concluem este nível.

"Os alunos saem, em primeiro lugar, para trabalhar e ajudar no orçamento familiar. Se não

trabalham, morrem de fome", afirmou Júlio César.

A maioria dos pais dos estudantes que abandonam a escola é formada por pessoas desqualificadas para o mercado de trabalho e que estão desempregadas.

O segundo motivo para a evasão são as relações familiares complicadas, seguida da falta de interesse dos alunos. Para Júlio César, o desinteresse pelo ensino médio vem aumentando a cada ano.

"Na época dos cursos profissionalizantes, havia mais alunos interessados. Hoje, eles não vêem ligação do ensino médio com o mercado de trabalho", comentou.

Foi esse mesmo desinteresse que afastou João Antônio Neto, 43 anos, das escolas há 25 anos. "Queriam namorar, me divertir, vivia matando aula. Depois que comecei a trabalhar, não quis voltar. Só agora decidi aproveitar meu tempo à noite e concluir os estudos", contou.

## Obrigatoriedade do Enem é criticada

Educadores criticam a proposta do Ministério da Educação (MEC) de obrigatoriedade do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), como forma de avaliação da qualidade do ensino e de ingresso facilitado em instituições de ensino superior.

No Estado, das mais de 90 instituições que oferecem cursos superiores, apenas 16 utilizam o Enem no processo seletivo, entre elas a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com critérios que vão desde a admissão direta, até a soma dos pontos conquistados com o resultado de provas.

As Faculdades de Vitória (FDV) aceitam o Enem como soma às provas do processo seletivo, representando 25% da nota final. "Só usamos a nota do exame, quando é para o benefício do aluno. Tenho dúvidas de como seria essa obrigatoriedade, já que a nota poderia, ao invés de acrescentar, prejudicar o ingresso do estudante",

ressaltou a diretora acadêmica da FDV, Paula Castelo Miguel.

Apesar disso, ela acredita que essa obrigação pode acabar com vestibulares fantasmas, onde faculdades admitem alunos sem avaliação. "Mas as medidas que o governo vem apresentando ainda são vagas e não explicam critérios para aplicação", ponderou Paula.

Para o diretor executivo do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), Artur Viana, a obri-

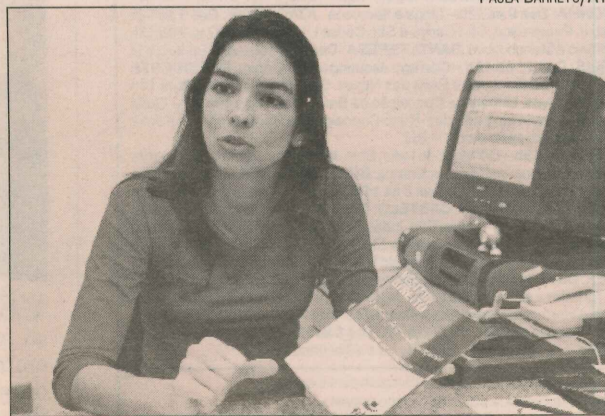
gatoriedade do Enem, para avaliação do ensino médio, é preocupante se não for acompanhada por políticas de investimento no ensino público.

"Uma avaliação tem que ter parâmetros que mostrem a diversidade do ensino no País. Pode haver deturpação da realidade do ensino de algumas regiões".

A aceitação obrigatória pelas faculdades, para ele, pode criar avaliações injustas. "Vão acabar surgindo cursinhos pagos, preparatórios para o Enem", acrescentou.

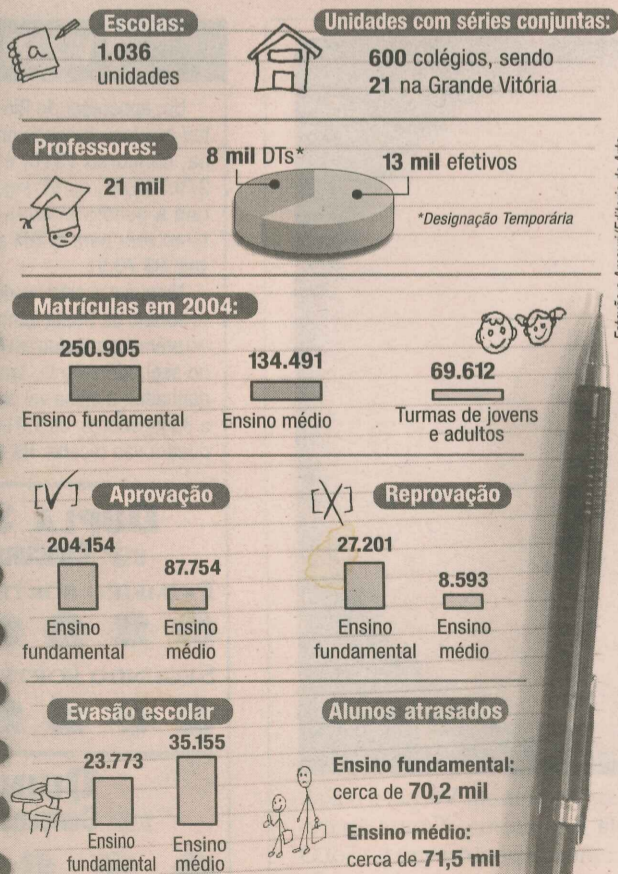
William Santana, 18, que estuda em escola estadual vai fazer o Enem para testar o potencial e aumentar as chances de entrar na faculdade, mas discorda da obrigatoriedade. Ele acredita que o ensino poderia ser melhor, para ter um bom resultado. "O Enem pode até ajudar, quando feito por iniciativa da pessoa", disse.

A mudança foi anunciada na última segunda.



Paula: nota pode ajudar ou prejudicar aluno

### RAIO-X DA EDUCAÇÃO



Fonte: Secretaria de Estado da Educação (Sedu)